

Exposição

António é o meu nome

Rómulo de Carvalho

De 12 Outubro 2006 a 6 Janeiro 2007

CADERNO DE IMPRENSA

Área de Relações Externas e Promoção Cultural

Tel.: 21 798 2426 Fax: 21 798 2436

bn.divulgacao@bn.pt

António é o meu nome



Poema de me chamar António

Hoje, ao nascer do sol, de manhãzinha,
ouvi cantar um galo no quintal
quando eu tinha seis anos e fui passar as férias do Natal
com a minha madrinha.

Na cama improvisada no corredor
sabiamente fingia que dormia
muito embrulhado num cobertor,
enquanto numa luz melada e quase fria,
o mundo, sabiamente,
fingia que nascia.

E então apeteceu-me também nascer,
nascer por mim, por minha expressa vontade,
sem pai nem mãe,
sem preparação de amor,
sem beijos nem carícias de ninguém,
só, só e só por minha livre vontade.

[...]

Foi assim que a voz do galo na capoeira
do quintal da vizinha
que tinha plantado ao centro uma nespereira
mesmo junto da casa da minha madrinha,
penetrou no ventre macio do meu cobertor.
Era uma frente de onda, compacta e envolvente,
pura já na garganta e agora mais que pura,
filtrada
e destilada
nos poros ávidos da minha cobertura.
Chegou e fulminou o meu ser indigente,
exposto e carecido,
naquele gesto mole e distraído
do Deus onnipotente
da Capela Sistina
quando ergue a mão terrível e fulmina
o coração
de Adão.
E pronto. Eis-me nascido. Cheio de sede e fome.
António é o meu nome.

António Gedeão

António é o meu nome



Alquimia na Arte e na Ciência

Nessa composição confidente de 1964 que dá nome sugestivo à exposição, António Gedeão (pseudónimo do universo poético de Rómulo Vasco da Gama de Carvalho, embora tardiamente surgido) descobre a necessidade de acordar do mundo íntimo em que «sabiamente fingia que dormia» e decide enfrentar «o mundo, [que] sabiamente, fingia que nascia». Assim mesmo, livremente, generosamente, «só, só e só por minha livre vontade» de ostentar poeticamente um pseudónimo, o que significa rejeitar ser-se anónimo, marcando uma presença.

Este Poema de me chamar António, que bem poderia intitular-se *De ars poetica*, é ao mesmo tempo uma metáfora da génese da mediação estética, da necessidade, da singularidade e da irredutibilidade da arte. O acto dessa criação – além do mais dessacralizado, pois não era «gesto mole e distraído / do Deus onipotente / da Capela Sistina» – correspondeu à atitude de afirmação do poeta moderno como sujeito de uma mediação expressiva. E, com efeito, foi singularíssima a palavra «filtrada / e destilada» de Gedeão. O autor dessa pequena obra-prima que se chama «Pedra filosofal», entre tantas outras e belas criações poéticas, aliou um lirismo didáctico, debruçado sobre a realidade, numa simultânea apreensão – pode dizer-se correlata – do homem e do universo, a uma riqueza vocabular e de imagens a que a melodia e o ritmo conferem ainda mais emoção.

Porém, o alquimista da palavra, mesmo expressamente, deixou ainda, sob o nome de Rómulo de Carvalho, uma obra de investigação, como historiador das ciências, não apenas inovadora como notável de rigor e de extensa actualidade. Desde a *História da Fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1765-1772)* à *História do Ensino em Portugal*, deixou no percurso realizado uma mão cheia de estudos marcantes, ainda hoje incontornáveis. E a este campo juntou, como coroa da sua dedicação à ciência, uma obra de vulgarização (isto é, de acesso aos não-especialistas) de grandes temas das ciências, bem como de pedagogia (para estudantes) nos domínios da Física e da Química de que foi, aliás, metodólogo ao longo da sua carreira docente no ensino secundário.

António é o meu nome



Apresentação

Rómulo de Carvalho começou a revelar pendor poético ainda na infância, conhecendo-se, pelo menos, três composições autógrafas datadas de 1911: as quadras Era uma vez um menino e Maria é o 1º nome, bem como o poema Um casamento. No período de transição entre a infância e a adolescência, o Autor demonstrou um crescente interesse por temas relacionados com a História de Portugal. A influência da épica camoniana levá-lo-á a empreender, com onze anos, o projecto de continuar Os Lusíadas, publicando, em 1917, as sete primeiras estrofes do Canto XI no periódico Notícias d'Évora.

Com uma tão acentuada e precoce predisposição literária seria natural que o jovem Rómulo, concluídos os estudos liceais, ingressasse numa Faculdade de Letras (o regime republicano criara, precisamente no ano em que compusera os primeiros versos, as Universidades de Lisboa e do Porto). No entanto, tal não viria a suceder e acabaria, depois de uma episódica passagem pelos preparatórios de Engenharia Militar na Faculdade de Ciências de Lisboa, por se matricular na licenciatura em Físico-Química da Faculdade de Ciências do Porto com a firme resolução de ingressar no professorado.

A sua paixão pela Física associada a circunstâncias de natureza pessoal sobrepuseram-se, durante largo tempo, à criação poética. Concluído o curso, o magistério liceal e a preocupação em desenvolver metodologias que incentivassem o gosto pela disciplina entre os alunos levaram-no a embrenhar-se afincadamente na docência, na elaboração de textos didácticos e na colaboração em diversas revistas de cariz científico e pedagógico, em que avultam a Gazeta de Física, Liceus de Portugal ou Palestra.

A dedicação ao ensino, à formação de professores (como metodólogo de Física) e à edição de numerosas obras de divulgação de temas científicos – de A Ciência Hermética (1947) a A Radioactividade (1985) - avivaram a sua percepção acerca das enormes lacunas que se verificavam na investigação sobre a História da Ciência e do Ensino no país. A vontade de contribuir para minorar essa situação motiva-o a encetar uma nova linha de trabalho que viria a produzir resultados da maior importância para o conhecimento científico em Portugal. Torna-se um investigador empenhado que frequenta assiduamente arquivos e bibliotecas com ricos fundos manuscritos pouco explorados: a Torre do Tombo, a Universidade de Coimbra, a Academia das Ciências ou a Biblioteca Nacional.

O labor de Rómulo de Carvalho como investigador da História da Ciência e do Ensino contribuiu de forma substancial para o avanço do conhecimento dessas matérias em Portugal. A sua predilecção pelo período setecentista proporcionou-nos obras inovadoras e imprescindíveis sobre a Física, a Astronomia ou a História Natural dessa época. Da análise dos seus trabalhos ressalta um particular interesse pelo contributo do consulado pombalino para o ensino e a divulgação da Física em Portugal, temática a que dedicou diversos trabalhos de que se destacam a História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra desde a sua fundação (1772) até ao jubileu do professor italiano Giovanni Dalla Bella (1790). Na última fase da sua actividade de investigador

António é o meu nome



concentrou-se no estudo da actividade científica desenvolvida pela Academia das Ciências de Lisboa nos séculos XVIII e XIX.

Os seus trabalhos como historiador da Educação conhecem um marco assinalável com a publicação da História da fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1761-1772) e viriam a culminar com a edição da monumental História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano.

A par da actividade de professor liceal, de divulgador de temas científicos e de investigador, Rómulo de Carvalho retomou, no início da década de cinquenta, a criação poética. Segundo o testemunho publicado por Natália Nunes no catálogo da exposição, a ideia de adoptar um pseudónimo literário ter-lhe-á surgido em 1954-1955. António Gedeão publica, aos cinquenta anos, o seu primeiro livro de poesia: Movimento Perpétuo (1956), a que se seguem Teatro do Mundo (1958) e Máquina do Fogo (1961). Com apenas três livros editados em meia dúzia de anos, ganha rapidamente um lugar de relevo no panorama literário português. Contemporâneo de poetas então já consagrados como Miguel Torga, Casais Monteiro, Ruy Cinatti, Sophia de Mello Breyner, Carlos de Oliveira ou Eugénio de Andrade, António Gedeão surgiu, como «um poeta novo e diferente» devido, como observa Jorge de Sena, «a um subtil compromisso entre a libertação modernista e os esquemas tradicionais».

A musicalização de alguns dos seus poemas como «Pedra Filosofal» ou «Calçada de Carriche» contribuem para popularizar a sua obra poética junto do grande público, na década de setenta do século XX.

Em «Lágrima de preta» surge, além das características enunciadas por Sena, uma desmontagem de argumentos racistas e colonialistas patente na seguinte quadra:

nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
E cloreto de sódio.

Ou, ainda, uma mordaz crítica social expressa, por exemplo, no seguinte excerto do poema «Dia de Natal»

É dia de pensar nos outros – coitadinhos – nos que padecem, de lhes darmos coragem para poderem continuar a aceitar a sua miséria.

É muito provável que a agudeza do espírito racionalista de Rómulo tenha inspirado António na feitura destes poemas que foram publicados em 1961, ano que marcou o início da derrocada do Império Colonial Português, com a perda do Estado da Índia e o começo da luta armada em Angola.

A Biblioteca Nacional associa-se, honrada, ao programa das comemorações do primeiro centenário do nascimento de Rómulo de Carvalho António Gedeão, personalidade multifacetada que muito contribuiu para enriquecer a cultura portuguesa e para o progresso do nosso país, apesar dos constrangimentos resultantes da vigência do Estado Novo. Acresce, ainda, uma razão de ordem moral decorrente do facto de o seu espólio se encontrar integrado no Arquivo de Cultura

António é o meu nome



Portuguesa Contemporânea desta Instituição, por generosa doação da Família. As iniciativas que a Biblioteca Nacional promove, entre as quais se contam a exposição e respectivo catálogo, não teriam sido possíveis sem o generoso patrocínio da REN – Rede Eléctrica Nacional, em especial, do presidente do seu conselho de administração, Sr. Engenheiro José Penedos, que acolheu, desde o primeiro momento, com a maior simpatia, o pedido de apoio que lhe apresentámos. A Biblioteca Nacional exprime, também, o seu reconhecimento à Viúva, Senhora Dra. Natália Nunes, e ao Filho, Senhor Dr. Frederico Gama Carvalho, pelo apoio prestado na construção da exposição, incluindo o empréstimo de objectos pertencentes ao homenageado; a Natália Nunes, Nuno Crato, Rogério Fernandes, Luísa Ducla Soares e Maria Teresa Arsénio Nunes, autores dos textos que enriquecem este catálogo e que fornecem um valioso contributo para uma melhor compreensão da obra do Autor e, finalmente, à pintora Albertina Mântua que cedeu diversos quadros de sua autoria.

Jorge Couto

Director da BN



Cronologia sumária

- 1906 Rómulo Vasco da Gama de Carvalho nasce em Lisboa a 24 de Novembro, na Rua do Arco do Limoeiro (actual Rua Augusto Rosa), 7 - 4.º, freguesia da Sé.
- 1912 Colégio de Santa Maria. Primeiro poema.
- 1917 Publica no Notícias de Évora primeiras estrofes de uma continuação de Os Lusíadas. Entra para o Liceu Gil Vicente.
- 1919 A família muda para a Calçada do Monte, 70-1.º
- 1924 Publica soneto no Quinzenário Académico, do Liceu Gil Vicente.
- 1925 Curso Preparatório de Engenharia Militar, na Faculdade de Ciências.
- 1926 Alistado na tropa. Com o amigo Carlos Bana escreve Quod est, est (Tenho a honra de pedir a mão de Violante), levada à cena no final do ano escolar, encenada por Vasco Santana e com música de Manuel Ribeiro.
- 1928 Mudança de curso e inscrição em Ciências Físico-Químicas, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- 1930 Colabora no semanário Liberdade, órgão republicano académico.
- 1931 Termina o curso de Ciências Físico-Químicas.
- 1933 Terminado estágio no Liceu Pedro Nunes, começa a ensinar, actividade que exerce até 1974.
- 1934 Casa com Maria José da Silva Cardoso.
- 1936 Nasce o filho Frederico.
- 1938 Director do Laboratório de Química do Liceu Camões, até 1948.
- 1942 Publica «O aspecto fraudulento da Alquimia», em Liceus de Portugal.
- 1945 Casa com Maria Natália Paiva Nunes.
- 1946 Primeiro artigo no Mundo Literário, «A forma morta de Leibnitz [...]».
- 1947 Publica A Ciência Hermética (Biblioteca Cosmos) e artigos em Ver e Crer, na Gazeta de Matemática e Gazeta de Física.
- 1948 O Embalsamento Egípcio (Biblioteca Cosmos). Professor auxiliar do Liceu Pedro Nunes.
- 1949 Nasce a filha Maria Cristina. Publica primeiro artigo na revista Átomo.
- 1950 Mudança para Coimbra, Rua Bernardo de Albuquerque, 116-r/c, com a colocação no Liceu D. João III até 1957. Publica Compêndio de Química, Guia dos trabalhos práticos de Química e, com A. A. Riley da Mota, Noções elementares de Química. Começa a colaborar no Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa.
- 1951 Primeira colaboração na Labor. Atlântida Editora aprova a colecção Ciência para Gente Nova. Começa a estudar no Museu Pombalino o material didáctico que pertencera ao Gabinete de Física do Real Colégio dos Nobres.
- 1952 História do telefone e História da fotografia.
- 1953 Publica História dos balões e Ferreira da Silva, homem de ciência e de pensamento. Edita Problemas de Física para o 3.º ciclo do ensino liceal.
- 1954 História da electricidade estática e artigo na Revista Filosófica.
- 1955 Publica História do Átomo.
- 1956 Traduz O Sr. Tompkins Explora o Átomo, de Gamow. Estreia-se na poesia com Movimento perpétuo, publicado com o pseudónimo de António Gedeão.
- 1957 Publica História da radioactividade. Professor do Liceu de Pedro Nunes, instala-se na Rua Sampaio Bruno, 18-3.º Dt.º, até ao fim da vida. Eleito para a direcção da Sociedade Portuguesa de Química e Física.

António é o meu nome



- 1958 Publica na revista Vértice. Professor metodólogo de Ciências Físico-Químicas e director do gabinete de Física do Liceu de Pedro Nunes. António Gedeão publica o livro de poemas Teatro do mundo.
- 1959 Que é a Física e História da Fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa. Colabora na Colóquio Letras.
- 1961 António Gedeão publica Máquina de fogo.
- 1962 História da Energia Nuclear e História dos Isótopos.
- 1963 Colabora na Ocidente e na Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho. Inicia colaboração no Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão. António Gedeão publica RTX – 78/4.
- 1964 António Gedeão publica Poesias Completas e Poema para Galileo; o poema «Lágrima de preta» sai em A Voz de Moçambique.
- 1966 Prémio Bocage pelo ensaio «O sentimento científico em Bocage».
- 1967 Publica no Arquivo da Bibliografia Portuguesa. Linhas de força de António Gedeão. Publica o poema «Dia de Natal» no jornal de estudantes do Liceu Camões que é apreendido pelo reitor.
- 1968 A Física para o Povo e Ciências da Natureza 1.
- 1969 Publica Ciências da Natureza 2. Poemas de Gedeão são incluídos na antologia Ich kann die Liebe nicht vertragen, organizada por Ilse Losa.
- 1970 Disco do ZIP-ZIP com a «Pedra filosofal» musicada e cantada por Manuel Freire. Prémio Pozal Domingues pela «Pedra filosofal».
- 1971 Comissão de Censura proíbe a peça RTX 78/24 no Teatro Vasco Santana.
- 1973 A poltrona, de António Gedeão.
- 1975 Publica Aditamento ao Guia de Trabalhos Práticos de Química para o Curso Complementar [...] e, em colaboração, Física para o 1.º ano do Curso Complementar [...]. Colabora na Enciclopédia Logos.
- 1976 Estuda o material do Museu Maynense.
- 1977 Publica Ciências da Natureza: Ensino Secundário e, em colaboração, Física para o 2.º ano do Curso Complementar [...].
- 1978 Publica História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra [...]. Estreia de RTX 78/24 no Teatro do Nosso Tempo.
- 1979 Publica Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII. Inicia a publicação de Cadernos de Iniciação Científica: A Descoberta do Mundo Físico, A Experiência Científica, A Natureza Corpuscular da Matéria e Moléculas e Átomos e Iões.
- 1980 Publica A Estrutura Cristalina, A Energia e As Forças.
- 1981 Publica A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa nos Séculos XVIII e XIX, Peso e Massa e As Reacções Químicas. Colabora em Ciência e Técnica. Publica, em colaboração, Física para o 12.º ano de Escolaridade. A História Breve da Lua, teatro infantil de António Gedeão.
- 1982 Publica A Física Experimental em Portugal no Século XVIII, A Composição do Ar, A Pressão Atmosférica e A Electricidade Estática. Colabora na Brotéria e na Revista de História das Ideias.
- 1983 Publica A Corrente Eléctrica, Magnetismo e Electromagnetismo e A Electrónica. António Gedeão publica Poemas Póstumos.
- 1985 Publica A Astronomia em Portugal no Século XVIII, A Radioactividade, A Energia Radiante e Ondas e Corpúsculos. Eleito sócio correspondente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa.

António é o meu nome

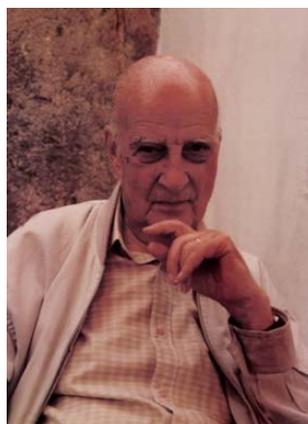


- 1986 Publica História do Ensino em Portugal [...].
- 1987 Publica A História Natural em Portugal no Século XVIII e D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões [...]. Comunicação à Academia das Ciências «As interpretações dadas, na época, às causas do terramoto de 1 de Novembro de 1755», posteriormente publicada. Condecorado com o Grande Oficial da Instrução Pública.
- 1988 Publica pela primeira vez nas Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Sócio honorário da Sociedade Portuguesa de Física.
- 1990 Director do Museu Maynense, organiza e publica o seu catálogo. António Gedeão publica Novos Poemas Póstumos e Poesia Completa.
- 1991 Publica na Revista da Universidade de Coimbra. Inicia o estudo da colecção etnográfica da Academia das Ciências de Lisboa.
- 1992 Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. Sai 51+3 Poems and Other Writings, de António Gedeão.
- 1993 Publica O Material Didáctico dos Séculos XVIII e XIX do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa.
- 1994 «Elogio académico do Prof. Luís de Albuquerque» e «Bento de Moura Portugal [...]», nas Memórias da Academia das Ciências, e Quatro cartas inéditas de João Jacinto de Magalhães. É publicado, no Brasil, Palavra de Poeta, organizado por Denira Rozário, com entrevistas e poemas de António Gedeão.
- 1995 Publica O Texto Poético como Documento Social e A Física no Dia-a-Dia. Doutoramento honoris causa pela Universidade de Évora.
- 1996 Homenagem nacional, por ocasião dos seus 90 anos.
- 1997 Morre a 19 de Fevereiro. É publicada a Colectânea de Estudos Históricos. Poemas escolhidos, de António Gedeão.
- 1998 Publicação de As Origens de Portugal: História Contada a uma Criança.
- 2000 Publicação de Memórias de Lisboa, com fotografias de Rómulo de Carvalho, e O Matéria Etnográfico do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa.
- 2004 Publicação de Obra Completa (elaborada a partir das cronologias inseridas em Pedra filosofal: Rómulo de Carvalho, António Gedeão. Lisboa: Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, 2001).

António é o meu nome

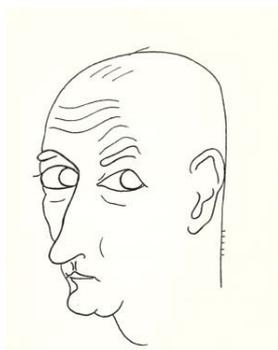


NOTA - As imagens seguintes estão em baixa definição (apenas para serem visualizadas), devendo ser solicitados ficheiros de alta definição para publicação



Rómulo de Carvalho / António Gedeão visto por André Carrilho

Rómulo de carvalho

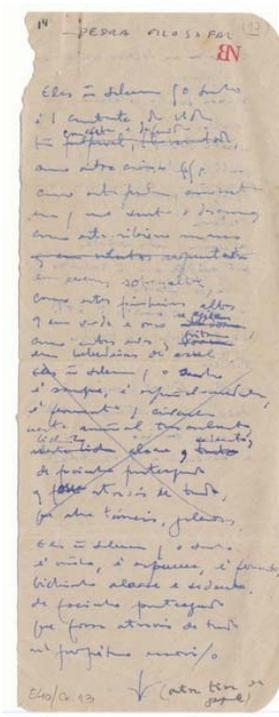


Auto-retrato

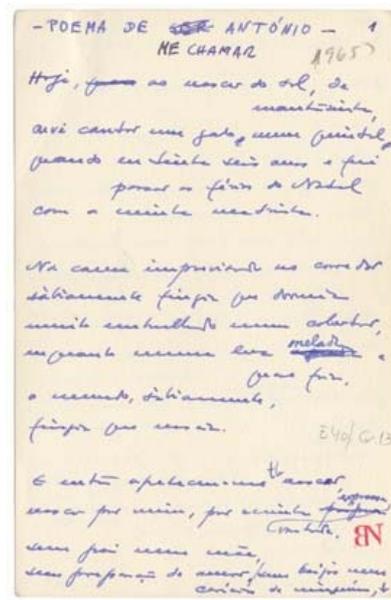
A handwritten signature in black ink that reads 'António Gedeão'. The signature is written in a cursive, flowing style.

Assinatura de António Gedeão

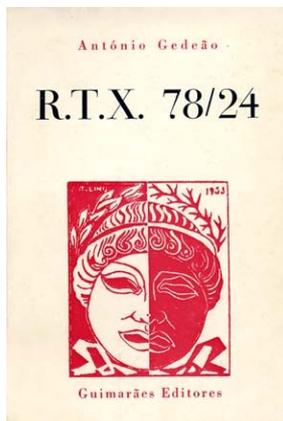
António é o meu nome



Manuscrito de «Pedra filosofal»



Original de «Poema de me chamar António»



Incursão pelo teatro



Reunião poética de António Gedeão